

RESERVAS TÉCNICAS DE MUSEUS E ACESSO PÚBLICO COMO TEMA DE PESQUISA:

APONTAMENTOS A PARTIR DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

MAYARA MANHÃES DE OLIVEIRA, FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, RIO DE JANEIRO,
RIO DE JANEIRO, BRASIL

Mestre em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde (Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz).
Museóloga no Museu da Vida Fiocruz, onde atualmente coordena o Serviço de Museologia.
É membro do Grupo de Pesquisa Educação, Museus de Ciências e seus Públicos (Fiocruz).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4114-9357>
E-mail: mayara.oliveira@fiocruz.br

CARLA GRUZMAN, FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, RIO DE JANEIRO, RIO DE
JANEIRO, BRASIL

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora e educadora no Museu
da Vida Fiocruz, onde coordena a Seção de Formação do Serviço de Educação. É docente
no curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência e no Mestrado em
Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde (Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz). É líder do Grupo
de Pesquisa Educação, Museus de Ciências e seus Públicos (Fiocruz) e participa do Grupo
de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Divulgação em Ciências / GEENF (USP).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7947-959X>
E-mail: carla.gruzman@fiocruz.br

DOI

<http://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v19i38p36-64>

RECEBIDO

14/10/2022

APROVADO

27/06/2024

RESERVAS TÉCNICAS DE MUSEUS E ACESSO PÚBLICO COMO TEMA DE PESQUISA: APONTAMENTOS A PARTIR DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

MAYARA MANHÃES DE OLIVEIRA, CARLA GRUZMAN

RESUMO

Em vista do crescente investimento na maior participação de públicos na dinâmica dos museus, interessa-nos compreender formas de estreitar a relação entre seus profissionais, acervos e visitantes. Neste intuito, abordamos aspectos da educação e da comunicação museais para introduzir uma discussão a respeito de acesso público às reservas técnicas. Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica realizada em sete bases de periódicos, teses e dissertações nacionais e internacionais compreendendo o recorte temporal de 1970 a 2020. O refinamento do material levou ao corpus constituído por 22 trabalhos acadêmicos, os quais foram submetidos à sistematização e análise. O tratamento dos dados considerou os princípios da análise categorial para reagrupamento das unidades dos textos sob categorias emergentes. Buscou-se caracterizar as propostas levando em consideração contextos institucionais, tipos de estratégias, foco do estudo e os objetivos de cada ação. Como resultados, destaca-se que: as formas de acesso às reservas técnicas são variáveis, pois são atravessadas por condicionantes institucionais; a maneira como os públicos são reconhecidos pode orientar as propostas e há abertura para ressignificação da relação entre visitantes, objetos e profissionais de museus. A respeito deste último ponto, evidenciamos a importância dos propósitos educativos e do planejamento interdisciplinar das ações. Por fim, tal estudo pode contribuir para a reflexão sobre os sentidos de preservar e divulgar o patrimônio cultural na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE

Acervo museológico. Educação em museus. Reserva técnica museológica.

MUSEUM STORAGES AND PUBLIC ACCESS AS A RESEARCH TOPIC: NOTES FROM A BIBLIOGRAPHIC REVIEW

MAYARA MANHÃES DE OLIVEIRA, CARLA GRUZMAN

ABSTRACT

In view of the growing investment in greater public participation in the dynamics of museums, we are interested in understanding ways to bring professionals, collections and visitors together. To this end, we approach aspects of museum education and communication to introduce a discussion about public access to museum storages. This is a bibliographic review study carried out in seven national and international databases with journals, theses and dissertations covering the time frame from 1970 to 2020. The refinement of the material led to a corpus consisting of 22 academic works, which were subjected to systematization and analysis. Data treatment considered the principles of categorical analysis to regroup text units under emerging categories. We sought to characterize the proposals considering institutional contexts, types of strategies, study focus and the goals of each action. As a result, it is highlighted that: the ways to access the museum storages are variable, as they are crossed by institutional conditions; the way in which audiences are seen can guide the proposals and there is an opening for a re-signification of the relation between visitors, objects and museum professionals. Regarding this last point, we highlight the importance of educational purposes and interdisciplinary planning of actions. Finally, such a study can contribute to the reflection on the meanings of preserving and disseminating cultural heritage in contemporary times.

KEYWORDS

Museum collection. Museum education. Museum storage.

1 INTRODUÇÃO

Ao olharmos o percurso histórico dos museus no Ocidente, constatamos várias transformações no que se refere ao perfil dos públicos que acessam estes espaços, à maneira como as instituições se relacionam com seus visitantes, ao papel da pesquisa, bem como estratégias e objetivos para a divulgação dos conhecimentos produzidos. Tais mudanças também reverberam nas práticas voltadas para os acervos, trazendo novas perspectivas sobre as escolhas na formação de coleções, desenvolvimento de exposições e também a respeito da situação dos objetos que permanecem distante dos visitantes.

As discussões em torno da função social e educativa dos museus foi crescente ao longo do século XX, sob influência das grandes transformações sociais no contexto mundial, em especial nos períodos pós-guerra. São frequentemente lembrados os encontros ocorridos a partir dos anos 1950, nos quais foram produzidos documentos que influenciaram em grande medida a atuação profissional e que ainda são revisitados para compreender as mudanças de perspectivas na atuação das instituições museais frente aos públicos (Santos, 2008; Chagas *et al.*, 2018; Castro, 2019).

Neste contexto ficou mais evidente que era inadiável o enfrentamento de questões fundamentais para a redefinição do papel dos museus, tais como a necessidade de maior engajamento nos problemas sociais, a participação de grupos sociais historicamente excluídos das narrativas oficiais e

a produção de conhecimento sobre interesses e expectativas dos visitantes. As instituições no formato clássico já existentes se viram diante do desafio de transformar suas práticas, assim como novas formas de museus e musealização surgiram com protagonismo de grupos até então distantes deste meio (Santos, 2008; Chagas *et al.*, 2018; Castro, 2019).

A busca pelo estreitamento da relação com os públicos evidenciou mudanças necessárias na atuação dos profissionais de museus e demandou, por exemplo, maior reflexão coletiva e acordos entre mediação e conservação (Valente, 2009). As negociações em torno dos critérios de aquisição e seleção de objetos, da maneira como seriam expostos e dos discursos produzidos a partir deles, passaram a incorporar cada vez mais as preocupações com as experiências dos visitantes. Porém, o distanciamento entre sujeitos de diferentes setores é, ainda hoje, considerado um entrave a ser superado (Cazelli; Valente, 2019).

A participação efetiva de representantes de grupos sociais na concepção, planejamento, realização e avaliação de ações museais se tornou uma pauta relevante que vem crescendo nos últimos anos (Vasconcellos, Silva, 2018; Cury, 2019). Nesta forma de encarar a relação com os públicos, a experiência sensível com objetos musealizados pode se tornar mais significativa para pessoas de todas as idades, ao instigar a curiosidade, evocar lembranças e conectar temas com a vida cotidiana. Os acervos têm grande potencial para os processos educativos, que podem ocorrer tanto em exposições como em visitas às reservas técnicas (RT), laboratórios e outros locais de trabalho dos profissionais que lidam com esses objetos. Nesse sentido, aproximar os visitantes do trabalho museal, do processo e não só do resultado, possibilita a produção de narrativas mais diversificadas e democráticas, além de contribuir para o desenvolvimento de novas práticas profissionais (Hooper-Greenhill, 1999; 2000).

Aos objetos musealizados são atribuídos sentidos e valores que nem sempre estão evidenciados nas exposições. Cabe aos museus descortinar esse processo contínuo, subjetivo e ideológico de “sentido acrescentado” na musealização da cultura material.

Informar sobre os processos de preparação e de proteção dos objetos autênticos, os quais necessitam de compromissos entre ‘conservadores’ e ‘mediadores’ desejosos a dar sentido ao objeto, é crucial. Os objetos, sejam

naturais, técnicos ou artísticos, podem constituir tanto fontes de prazer estético, de deleite, quanto de observação científica (Marandino, 2005, p. 3).

Tais abordagens mais reflexivas sobre o trabalho com objetos musealizados, além dos conteúdos que podem ser produzidos a partir deles, está contemplada na compreensão de educação museal que vem sendo discutida nos últimos anos no Brasil. Entre os aspectos singulares deste campo, estão a promoção de estímulos a partir do contato direto com o patrimônio musealizado, o compartilhamento de conhecimentos específicos relacionados aos diferentes acervos e processos museais, a educação pelos objetos e o senso de preservação (Costa *et al.*, 2018).

Vimos, com estes breves apontamentos, que os debates em torno da função social dos museus passam pela redefinição de suas práticas e produção de conhecimento, tendo os públicos como foco. A educação e a comunicação como funções que permeiam essas instituições como um todo evidenciam a necessidade de maior diálogo entre profissionais de diferentes áreas.

Os conhecimentos produzidos a partir das coleções podem ser melhor compreendidos se as atividades profissionais desempenhadas forem apresentadas aos visitantes. Em geral, o que acontece nos “bastidores” não aparece, e sim os resultados, com a inserção de objetos na composição de uma narrativa sobre determinado tema em uma exposição ou ação pontual para visitantes. Por esse motivo, acreditamos que o acesso às RT pode contribuir para o entendimento dos museus numa outra perspectiva, onde se espera que os objetos estejam dispostos no ambiente sem vitrine, iluminação cênica, legendas e outros recursos expositivos. Para tal, a negociação entre profissionais de preservação, pesquisa, educação e comunicação se faz necessária (Oliveira, 2018; 2021).

No presente artigo apresentamos pesquisa a respeito do acesso público às reservas técnicas de museus. Inicialmente, abordamos a constituição de RT nestas instituições, trazendo uma reflexão sobre possibilidades de aproximar visitantes destes espaços. Empreendemos revisão bibliográfica de trabalhos acadêmicos nacionais e internacionais sobre o tema, cujo recorte temporal foi de 1970 a 2020, o qual possibilitou a caracterização das iniciativas já realizadas ou vislumbradas, principalmente no que concerne aos contextos institucionais, tipos de estratégias, focos dos estudos

e objetivos de cada ação.

2 RESERVAS TÉCNICAS E PÚBLICOS: ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO

A partir do final do século XIX notam-se mudanças na tendência expográfica dos museus. Até então, era comum a exposição da totalidade do acervo sem uma contextualização suficiente para os visitantes. Com o aumento das aquisições, houve a necessidade de reservar parte das coleções, dando lugar a exposições com recortes temáticos e temporais definidos (Tostes, 2005). Como consequência, houve a separação espacial e epistêmica da atuação em curadoria, sendo delineado o papel dos profissionais que se voltavam para os objetos expostos e daqueles que se dedicavam às coleções guardadas (Thiemeyer, 2017). Embora não seja possível indicar com precisão o momento de criação das primeiras RT, foi nessa transição conceitual da expografia dos museus que esses espaços foram pensados e se aprimoraram posteriormente (Gomes, 2018).

Antes da existência das RT como conhecemos hoje, muitas vezes o destino dos objetos não expostos era ocupar depósitos sem uma organização preestabelecida. Ao longo da segunda metade do século XX, foram estabelecidos parâmetros de conservação, segurança e documentação que hoje fazem parte do campo museal e que delinearam as condições adequadas de RT (Froner, 2008). Soma-se a esses fatores a crescente incorporação de novos saberes científicos ao cotidiano das instituições museais, com destaque para a atuação em pesquisa e a contribuição para consolidar novas áreas do conhecimento, muitas vezes para responder questões atreladas aos acervos. Essa nova configuração dos museus, mais próxima da ideia de “laboratórios” do que de “templos” (Desvallées; Mairesse, 2014) acarretou, entre outras mudanças, nas características atuais das RT.

Em geral, RT são locais projetados ou adaptados para a guarda da parcela dos objetos musealizados que não está exposta, emprestada nem em uso para fins de pesquisa, onde ocorre um processo contínuo de preservação e gestão do acervo, visando manter sua integridade física a longo prazo, assim como eficiente acesso aos objetos e informações pelos profissionais que atuam nessa área. Podem contar com salas de consulta, laboratórios, arquivos e outras áreas de trabalho que se conectam com os

espaços de armazenamento. Embora os manuais enumerem os elementos essenciais para estruturar uma RT, não há um formato único, pois depende das condições institucionais, como disponibilidade de espaço, materiais, recursos financeiros e humanos. Na bibliografia de referência, encontramos diretrizes gerais quanto à preservação e gestão de acervos nesses espaços e os procedimentos mais apropriados, mas sempre apontando para uma flexibilidade necessária ao avaliar caso a caso (Froner, 2008; Mirabile, 2010; Amaral, 2011; Gomes, 2018).

Muitos autores apontam que a maior parte dos acervos dos museus se encontram em RT. Porém, existem instituições que não contam com esses espaços em sua estrutura e, com isso, todos (ou quase todos) os objetos se encontram em áreas de visitação.

Geralmente, o acesso às RT é restrito, dada a sua destinação como local de conservação e segurança das coleções e, por isso, não integra as áreas de visitação. É frequente admitir visitas de grupos com interesses específicos, por exemplo, professores, estudantes universitários, artistas, cientistas, conservadores, restauradores, museólogos, entre outros. Para tal, os museus estabelecem o agendamento prévio, a capacidade máxima de pessoas por grupo e o limite de tempo dentro das áreas de armazenamento. Essas visitas técnicas são acompanhadas por um profissional, ou seja, os visitantes não têm autonomia para circular livremente (Castilho, 2013; Gomes, Vieira, 2014).

Ao problematizar o fato de que boa parte dos acervos musealizados se encontra guardada nestes espaços, longe dos visitantes que dificilmente têm a oportunidade de entrar em contato com o processo curatorial voltado para as coleções, surgiu o interesse em conhecer estratégias de acesso público às RT.

Tendo por principais referências os estudos de Gomes (2018) e Delavenays (2012) para identificar estratégias de acesso público às RT, adotamos as definições de sistema de armazenamento visível, RT visível e RT visitável. Vale ressaltar que não configuram modelos rígidos, pois existem variações a depender do público-alvo, se a aproximação com os objetos é direta ou indireta, com ou sem mediação humana, por meio de agendamento ou não, além de outras condições específicas encontradas em cada instituição. Existem museus que adotam mais de uma estratégia

e, com isso, podem coexistir RT visível, RT visitável e/ou armazenamento visível. Da mesma forma que parte das áreas de armazenamento podem ser mantidas como convencionais, ou seja, com acesso restrito (Gomes, Vieira, 2014; Oliveira, 2021). Assim, temos:

Sistema de armazenamento visível: trata-se de uma forma de acondicionar os objetos de modo que estejam próximos dos visitantes, por exemplo, em exposições ou áreas de livre circulação. Os itens são organizados segundo a lógica adotada em uma RT, em mobiliário próprio para conservação, ao mesmo tempo que permite a visualização. Podem contar com legendas, textos e outros recursos para melhor compreensão da proposta. É possível acessá-los em visitas livres ou mediadas.

RT visível: são visualizadas total ou parcialmente a partir do exterior, por meio de barreiras de vidro. Há casos em que os visitantes conseguem observar o trabalho curatorial com os objetos. Podem contar com recursos textuais para apoiar o entendimento de que se trata de uma RT. A interação entre públicos e equipe do museu, nestes casos, é limitada ou não ocorre.

RT visitável: busca-se, neste formato, o equilíbrio entre as condições de conservação e segurança com a extroversão dos objetos ali guardados. O acesso se dá por meio de visitas agendadas com acompanhamento de um profissional da instituição, sendo pontuais ou incorporadas à programação do museu. Essas visitas podem ser temáticas (ou não) e contar com recursos de sinalização. Em alguns casos, são oferecidas oficinas para demonstração de procedimentos de conservação, restauro ou documentação, ou até mesmo manuseio de objetos pelos visitantes com supervisão.

É importante esclarecer que existem outras designações para RT que possibilitam o acesso público: galeria de estudo, sala de estudo, reserva de estudo, reserva aberta, sala de consulta, reserva consultável, entre outros. Optamos por utilizar os três termos supracitados entendendo que são mais esclarecedores com base nas referências em língua portuguesa consultadas.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica, de natureza qualitativa, que intencionou aprofundamento de conhecimentos sobre o tema de interesse (Deslauriers, Kérisit, 2010; Minayo, 2010). O levantamento de trabalhos acadêmicos se deu ao longo de 2020 por meio de consulta às seguintes bases: Periódicos Capes, Teses e Dissertações Capes, Teses e Dissertações

USP, Scielo.org, JSTOR, Springer e Wiley Online Library. Nestas fontes buscamos artigos, teses e dissertações. Considerando que buscas prévias indicaram a criação das primeiras iniciativas nos anos 1970 (Oliveira, 2018) situamos o período do levantamento entre 1970 e 2020.

Para tratamento dos dados, buscamos inspiração nos princípios da análise categorial propostos por Bardin (2009), a partir do qual procedemos com desmembramento dos textos em unidades e reagrupamento sob categorias emergentes.

Foram utilizados vários descritores em diferentes combinações com intuito de ampliar o alcance de resultados pertinentes. São eles: “reserva técnica”, “reserva técnica visível”, “reserva técnica visitável”, “bastidores”, “museu”, “acesso público”, “público”, “visita”, “visitante”, “educação”, “ações educativas”. As buscas se deram nos campos de título, resumo e palavras-chave. O mesmo procedimento foi realizado com descritores equivalentes em inglês e espanhol.

Como critérios de inclusão, estabelecemos que: os textos estivessem relacionados ao campo dos museus e da museologia; indicassem nos títulos e resumos uma aproximação temática com a pesquisa. Como critério de exclusão, definimos que fossem desconsiderados aqueles que versassem sobre estudos em outras áreas de conhecimento.

Entre os resultados obtidos no primeiro momento, chegamos a 13 trabalhos publicados no Brasil e 24 do exterior. Após proceder com leitura exaustiva dos 37 textos integralmente, percebemos que nem todos abordam o acesso público às RT propriamente dito, porém foram proveitosos na medida em que tangenciam a discussão sobre coleções situadas nestes espaços.

Dada a abrangência deste primeiro conjunto, realizamos a identificação e sistematização dos textos para, em seguida, fazer um refinamento do material a partir de novas leituras. O critério de inclusão dessa segunda seleção teve como foco os textos que tratassem de estratégias de aproximação entre visitantes e objetos musealizados em RT. Desse modo, chegamos a um conjunto de 22 trabalhos acadêmicos, que constituem o *corpus* da pesquisa (Bauer, Gaskell, 2003).

Esse *corpus* é caracterizado pela variedade no que se refere aos países de origem, ano de publicação, filiações institucionais e áreas temáticas dos acervos/museus, conforme demonstrado nos quadros 1 e 2.

QUADRO 1

Fontes estudadas sobre reservas técnicas internacionais e acesso público. Fonte: elaborada pelas autoras, 2024.

Continua...

CÓD.	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR(A) / FILIAÇÃO INSTITUCIONAL	MUSEU / ACERVO
I1	Artigo	1977	Visible storage and public documentation	Michael M. Ames, Museum of Anthropology/ British Columbia University, Canadá	Museum of Anthropology / British Columbia University, Canadá
I2	Artigo	1990	Visible storage for the small museum	Paul C. Thistle; Sam Waller / Little Northern Museum, Canadá	Sam Waller Little, Northern Museum, Canadá
I3	Artigo	1990	Curatorial or “Native” categories: their use in visible storage	Dorothy Washburn / University of Pennsylvania	The Strong Museum, EUA
I4	Artigo	2001	Making collections visible: the Luce Foundation Center for American Art	Rachel M. Allen / Luce Foundation Center for American Art, EUA	Luce Foundation Center for American Art, EUA
I5	Artigo	2006	The Naturalist Center: proof that museums can do more to maximize the learning potential of their collect	Richard Efthim / Naturalist Center, Smithsonian Institution, EUA	Naturalist Center, Smithsonian Institution, EUA
I6	Artigo	2007	Store tours: accessing museums’ stored collections	Lucinda G. Caesar / Institute of Archaeology, The University of London	Science Museum, Inglaterra
I7	Artigo	2010	Storage, display and access – innovations at the Harry Daly Museum and the Richard Bailey Library of the Australian Society of Anaesthetists, Sidney	P. Stanbury / Harry Daly Museum and the Richard Bailey Library, Austrália	Harry Daly Museum and the Richard Bailey Library, Austrália
I8	Artigo	2012	Making the museum visible	Isabel García Fernández; Sonia Díaz Jiménez; Gabriel Martínez García / Complutense University of Madrid	The Veterinary Museum / Complutense University, Espanha
I9	Artigo	2013	Backroom pedagogies in university museums in Britain	Penelope Dransart / School of Archaeology, History and Anthropology, University of Wales	Cambridge Museum of Archaeology and Anthropology, Inglaterra

QUADRO 1

Continuação. Fontes estudadas sobre reservas técnicas internacionais e acesso público. Fonte: elaborada pelas autoras, 2024.

I10	Artigo	2013	As reservas visíveis do Schaulager, em Basileia	Maria Fernando Gomes; Eduarda Vieira / Universidade Católica Portuguesa	Schaulager, Suíça
I11	Artigo	2014	As reservas visitáveis do Musée des Arts et Métiers, em Paris	Maria Fernando Gomes; Eduarda Vieira / Universidade Católica Portuguesa	Musée des Arts et Métiers, França
I12	Dissertação	2016	Looking through glass: understanding visitor perceptions of visible storage methods in museums	Sena Dawes / University of Washington	Museum of Anthropology, Canadá
I13	Artigo	2016	The open storage dilemma	Kimberly Orcutt / Association of Historians of American Art	Metropolitan Museum of Art; New York Historical Society; Brooklyn Museum; Smithsonian American Art Museum. EUA
I14	Artigo	2017	The storeroom as promise: the discovery of the Ethnological Museum Depot as an exhibition method in the 1970s	Thomas Thiemeyer / Ludwig-Uhland-Institut für Empirische Kulturwissenschaft Universität Tübingen	Museum of Anthropology at the University of British Columbia e museus alemães atuais
I15	Artigo	2018	As condições de conservação das reservas museológicas: estudo internacional e nacional	Maria Fernando Gomes; Eduarda Vieira; Luis Elias Casanovas / Universidade Católica Portuguesa; Ana Calvo / Universidad Complutense de Madrid	Museus da Europa e América do Norte
I16	Tese	2018	Conservação preventiva – condições de reserva: novos paradigmas de visibilidade e acesso às coleções museológicas	Maria Fernando Gomes / Universidade Católica Portuguesa	Museus da Europa e América do Norte; Reservas da Câmara Municipal de Matosinhos, Portugal.
I17	Artigo	2019	Understanding the effects of ‘behind-the-scenes’ tours on visitor understanding of collections and research	Emily Jane Galimore; Clare Wilkinson / UWE Bristol	Museus do Reino Unido

QUADRO 2

Fontes estudadas sobre reservas técnicas nacionais e acesso público. Fonte: elaborada pelas autoras, 2024.

CÓD.	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR(A) / FILIAÇÃO INSTITUCIONAL	MUSEU / ACERVO
N1	Artigo	2010	Uma experiência de educação patrimonial no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville: provocando sensações e estimulando percepções	Flávia Cristina Antunes de Souza; Merilluce Samara Weiers / Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville	Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, Santa Catarina
N2	Monografia especialização	2014	Museu Dom João VI: uma reserva técnica acessível	Renata da Silva Carvalhaes / Museu Dom João VI	Museu Dom João VI, Rio de Janeiro
N3	Dissertação	2015	“Reserva técnica viva”: extroversão do patrimônio arqueológico no Laboratório de Arqueologia Peter Hilbert	Daiane Pereira / Núcleo de Pesquisa Arqueológica do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá	Acervo do Laboratório de Arqueologia Peter Hilbert, Amapá
N4	Artigo	2017	Extroversão do patrimônio arqueológico salvaguardado: reserva técnica do Laboratório de Arqueologia Peter Hilbert	Daiane Pereira / Núcleo de Pesquisa Arqueológica do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá	Acervo do Laboratório de Arqueologia Peter Hilbert, Amapá
N5	Artigo	2020	NUVIS-UFPE: uma proposta inovadora de extroversão da reserva técnica associada ao Laboratório LACOR-UFPE	André Luiz Campelo dos Santos; Ana Paula Baradas Maranhão; Henry Socrates Lavelle Sullasi; Ana Catarina Peregrino Torres Ramos / Universidade Federal de Pernambuco	Acervo do Laboratório de Arqueologia para Conservação e Restauro da Universidade Federal de Pernambuco

Ao final, o *corpus* totalizou 17 textos publicados no exterior e 5 no Brasil. É predominante o número de artigos (18), se comparado às dissertações (2), tese (1) e monografia de especialização (1). Em relação ao recorte temporal, nota-se maior frequência de trabalhos publicados a partir de 2010 (16), seguidos daqueles situados nas décadas de 1990 e 2000 (5) e dos anos 1970 (1).

Observamos que a filiação profissional de vários autores coincide

com os museus onde empreenderam os estudos. Os acervos e coleções são diversificados, tendo objetos atrelados às áreas de arqueologia, antropologia, etnologia, história natural, história, artes visuais e ciência e tecnologia. O *corpus* cobre os três tipos de estratégias de acesso público, conforme demonstrado no Quadro 3.

QUADRO 3

Tipos de estratégias de acesso público às reservas técnicas.
Fonte: elaborada pelas autoras, 2024.

TIPO	TRABALHOS NACIONAIS	TRABALHOS INTERNACIONAIS
Sistema de armazenamento visível	-	8
RT visitável	3	6
RT visível / visitável	2	1
RT visível / visitável / armazenamento visível	-	2
Total	5	17

Em relação à estratégia de aproximação dos públicos, a maioria é sobre sistemas de armazenamento visível (8) e RT visitáveis (9), seguida de trabalhos tanto sobre reservas visíveis quanto visitáveis (3) e aqueles que versam sobre os três tipos de estratégia (2). Observamos que os exemplos de sistemas de armazenamento visível se fazem mais presentes nos trabalhos internacionais, seguidos de RT visitáveis. Já os estudos nacionais se voltam para RT visitáveis e as visíveis.

Após a leitura integral destes textos, iniciamos o tratamento do material para fins de análise, com atenção às especificidades e nuances de cada um, em especial ao A) Foco dos estudos e B) Objetivos identificados nas propostas. No caso do primeiro (A), notamos a existência de pesquisas que buscam compreender a perspectiva dos profissionais (A.1); outros que optaram por se aproximar da percepção dos visitantes (A.2) e ainda aqueles que desenharam uma metodologia para alcançar ambas as opções (A.3), conforme apresentado no Quadro 4.

QUADRO 4

Categorias emergentes sobre foco dos estudos. Fonte: elaborada pelas autoras, 2024.

A) FOCO DOS ESTUDOS	
CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
A.1) Perspectiva dos profissionais do museu	Visa compreender a proposta se aproximando da perspectiva de profissionais diretamente envolvidos por meio de referências bibliográficas, fontes documentais, realização de observações e/ou entrevistas.
A.2) Perspectiva dos visitantes	Visa compreender a proposta se aproximando da perspectiva dos visitantes diretamente envolvidos por meio de observações e/ou entrevistas.
A.3) Perspectiva dos profissionais do museu e dos visitantes	Visa compreender a proposta se aproximando da perspectiva tanto dos profissionais diretamente envolvidos quanto dos visitantes por meio dos procedimentos mencionados.

Já em relação ao segundo aspecto (B), observando os resultados encontrados pelos autores, identificamos instituições que buscam ampliar o acesso ao acervo em benefício tanto do museu quanto dos públicos (B.1); também as que dão maior ênfase às possibilidades de pesquisa com esse tipo de acesso (B.2) e também as que assumem objetivos educacionais para proporcionar experiências significativas ao grande público (B.3), o que se observa no Quadro 5.

QUADRO 5

Categorias emergentes sobre os objetivos identificados nas propostas. Fonte: elaborada pelas autoras, 2024.

B) OBJETIVOS IDENTIFICADOS NAS PROPOSTAS	
CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
B.1) Ampliar o acesso ao acervo em benefício do museu e dos públicos	Democratizar o museu para maior conhecimento de seu acervo pelo grande público, ao mesmo tempo resolver pragmaticamente problemas como falta de espaço e pouca disponibilidade da equipe em receber visitantes individualmente.
B.2) Propiciar o acesso com ênfase na pesquisa	Facilitar o acesso físico aos objetos para pesquisadores interessados.
B.3) Promover o acesso para atrair públicos com propósito educacional	Proporcionar experiências educativas por meio de visitas mediadas e outras estratégias comunicacionais /educacionais.

No presente artigo, optamos por fazer um recorte dos resultados obtidos para discussão. Desse modo, apresentamos os destaques das categorias do grupo A (Foco dos estudos) para, em seguida, trazer breve análise dos textos reunidos nas categorias do grupo B (Objetivos).

3.1 Foco dos estudos

Em relação ao conjunto de categorias sobre foco do estudo, do total de 22 trabalhos, a maior parte (17) foi elaborada no sentido de entender as propostas a partir do olhar dos profissionais das respectivas instituições (A.1) por meio de revisão bibliográfica e/ou realização de entrevistas. É o que podemos observar nos estudos de Ames, 1977; Thistle, 1990; Allen, 2001; Efthim, 2006; Gomes, Vieira, 2013, 2014; Gomes, 2018; Gomes et al., 2018; Stanbury, 2010; Orcutt, 2011; Fernández, Jiménez, García, 2012; Dransart, 2013; Carvalhaes, 2014; Thiemeyer, 2017; Pereira 2015, 2017; Santos *et al.*, 2020.

Dois trabalhos elaborados no exterior se voltam para a perspectiva dos visitantes (A.2) e ambos tratam de armazenamento visível (Washburn, 1990; Dawes, 2016).

Identificamos dois artigos produzidos no exterior (Caesar, 2007; Gallimore, Wilkinson, 2019) e um no Brasil (Souza; Weiers, 2010) cujos autores se interessam em compreender as perspectivas tanto dos profissionais quanto dos visitantes (A.3). Nestes casos, todos se voltam para a estratégia de reserva visitável.

3.2 Objetivos identificados nas propostas

3.2.1 Ampliar o acesso ao acervo em benefício do museu e dos públicos

Este objetivo foi identificado em dez trabalhos do exterior (Ames, 1977; Washburn, 1990; Thistle, 1990; Allen, 2001; Stanbury, 2010; Orcutt, 2011; Fernández, Jiménez, García, 2012; Thiemeyer, 2017; Gomes, 2018; Gomes *et al.*, 2018) e um artigo publicado no Brasil (Santos *et al.*, 2020). A filiação institucional e os museus pesquisados são os mesmos em 6 deles (Ames, 1977; Thistle, 1999; Allen, 2001; Stanbury, 2010; Fernández, Jiménez, García, 2012; Santos *et al.*, 2020). Os três tipos de estratégias de aproximação entre públicos e RT aparecem nestes textos.

Ames (1977) indica uma influência das discussões sobre a função social dos museus ao apresentar a proposta de armazenamento visível do Museum of Anthropology, da University British Columbia (MOA) a qual, segundo ele, foi motivada principalmente pela democratização do acesso ao acervo. Os objetos foram selecionados e categorizados segundo critérios curatoriais dos especialistas nas coleções, considerando aspectos visuais que supunham ser de fácil compreensão para aqueles que não possuíam familiaridade com a antropologia. Tomaram a decisão de dar acesso também às informações catalográficas de cada objeto, por meio de um sistema de localização que remete cada item à sua respectiva ficha impressa. Os catálogos poderiam ser consultados no próprio local por qualquer visitante interessado.

Este autor observa que, juntamente com os objetos, as lacunas e erros na documentação museológica ficaram expostos aos visitantes e, conseqüentemente, cresceu a demanda por sanar tais problemas. Houve também “certos constrangimentos” ao apresentar objetos considerados como secundários se comparados àqueles de maior notoriedade no acervo. Ou seja, a estratégia de armazenamento visível ampliou o acesso dos objetos pelos visitantes, mas também acendeu uma luz sobre as dificuldades institucionais quanto à gestão das coleções.

Thiemeyer (2017) situa o surgimento de armazenamentos visíveis no momento em que havia grandes questionamentos sobre a autoridade dos museus. Segundo ele, as chamadas *depot exhibitions* apresentavam objetos de forma direta e sem uma narrativa rígida com intuito de conferir maior autonomia às interpretações dos visitantes. Em sua análise, a proposta do MOA foi pensada nessa direção, já que a exibição dos objetos sem legendas e textos “[...] era um gesto curatorial que visava colocá-los como fontes de conhecimento que todo visitante poderia (pelo menos em teoria) interpretar por si mesmo” (Thiemeyer, 2017, p.148, tradução nossa). Porém, estudos de recepção realizados dois anos após a abertura da galeria apontam que “[...] nem a coleção nem as informações prontamente acessíveis sobre os objetos estavam recebendo atenção especial e que o método em geral não era suficiente” (Thiemeyer, 2017, p. 150, tradução nossa).

O mesmo autor analisa casos de acesso público às coleções de museus universitários alemães a partir dos anos 2000. Após um longo período

de esquecimento desses objetos como fontes de pesquisa, as instituições encontraram no sistema de armazenamento visível uma forma de valorizar as evidências materiais da história institucional e da história das ciências. Esses exemplos mais recentes diferem significativamente daqueles que surgiram a partir dos anos 1970. O autor considera que o uso de recursos audiovisuais trouxe outro apelo, na medida em que os visitantes podem consultar mais informações sobre os objetos exibidos. Mesmo com esse tipo de investimento, os armazenamentos visíveis são menos dispendiosos do que grandes exposições, o que faz deles uma alternativa para museus que contam com recursos financeiros limitados (Thiemeyer, 2017).

Embora reconheça os aspectos positivos do armazenamento visível, o autor problematiza a motivação institucional de democratizar os acervos e diminuir a autoridade na interpretação de coleções. Existe uma seleção e um tratamento curatorial dos objetos que diz muito sobre as intenções dos museus. As informações que são deliberadamente ocultadas ou pouco exploradas dão uma ideia das questões que permanecem no “escuro”, ou seja, que o museu evita trazer para a reflexão dos públicos, ainda que não seja capaz de impedir uma percepção crítica, como no caso de museus com objetos procedentes de territórios colonizados. Portanto, “embora a luz na reserva escura tenha sido acesa, tornando este lugar opaco mais transparente, ela também lançou novas sombras” (Thiemeyer, 2017, p.154, tradução nossa).

No texto de Allen (2001) é divulgada a inauguração da galeria de armazenamento visível no Smithsonian American Art Museum com patrocínio da Luce Foundation Center for American Art. A iniciativa se justifica pela demanda crescente pelo maior acesso a milhares de obras de arte sob responsabilidade desse museu. Nas palavras da autora, entre os desafios estão “[...] desenvolver recursos educacionais e de informação de apoio, usar ferramentas técnicas para aprimorar a experiência do visitante e oferecer uma programação que estimule o interesse público” (Allen, 2001, tradução nossa). Vemos, nesta iniciativa mais recente, maior preocupação com recursos de mediação para os visitantes.

Em trabalho posterior, Orcutt (2011) relata que a mesma fundação patrocinou ações semelhantes no Metropolitan Museum of Art, New-York Historical Society e Brooklyn Museum. Foram adotados recursos

tecnológicos para trazer mais informações aos visitantes diante dos armazenamentos visíveis, tais como audioguia, tela interativa, *Ipad* para visitas livres, além do material impresso. Porém, a autora reconhece as limitações existentes e discute questões envolvidas na tentativa dos museus de equilibrar o maior acesso ao acervo com a demanda por mais informações vinda dos públicos. Aponta, ainda, que a reação dos visitantes aos objetos exibidos adiciona camadas de sentidos que o museu poderia acrescentar ao processo interpretativo de suas coleções.

Este último aspecto também é o foco do trabalho de Washburn (1990) a respeito do conceito de “curadoria nativa”. Ao analisar a iniciativa do The Strong Museum, a autora acredita que o museu pode se beneficiar ao incorporar a perspectiva dos visitantes na apresentação da coleção, e não se limitar às categorias curatoriais como normalmente ocorre.

Ao olhar para a situação específica do Sam Waller Little Northern Museum, Thistle (1990) identifica benefícios mútuos do armazenamento visível tanto para a instituição quanto para os públicos: ampliação do acesso visual ao acervo, participação de membros da comunidade na correção/complementação de dados catalográficos, indicação de problemas de conservação pelos visitantes, otimização do uso do pequeno espaço disponível, contato direto entre profissionais do museu e visitantes, aumento das doações de objetos e maior apoio da comunidade após entender melhor como a instituição funciona. Por outro lado, aponta desvantagens semelhantes ao que outros autores trouxeram: danos aos objetos por manuseio recorrente dos suportes ou condições climáticas desfavoráveis, dificuldade no uso dos catálogos, intimidação diante da quantidade de objetos, maior demanda da equipe para correção e atualização das informações. Assim como Ames (1977) relata sobre a iniciativa do MOA, Thistle também indica que os visitantes podem confundir o armazenamento visível com uma exposição e se sentirem frustrados com a maneira que as informações estão disponibilizadas no espaço (Thistle, 1990).

Outros autores discutem as vantagens do uso do armazenamento visível em pequenos museus, a exemplo do Harry Daly Museum/Australian Society of Anaesthetists e do Veterinary Museum/Complutense University, estudados por Stanbury (2010) e Fernández *et al.* (2012), respectivamente. Tratam como uma solução prática na utilização do espaço e de recursos

financeiros reduzidos. A agilidade do alcance dos objetos pelos pesquisadores interessados é uma outra vantagem identificada, embora ambas as instituições estejam abertas a todos os visitantes interessados.

Gomes (2018) acredita que a sensibilização dos públicos para as questões patrimoniais pode promover maior conscientização sobre a importância da preservação. Logo, o acesso às RT se configura como uma das estratégias possíveis nessa direção, ao possibilitar a interação entre profissionais e visitantes sobre o trabalho realizado com objetos musealizados. Essa aproximação pode ocorrer através de atividades elaboradas pelas áreas de conservação e educação de forma colaborativa, por exemplo, visitas, acesso visual e oficinas em RT e laboratórios. A autora vê potencial para o engajamento dos sujeitos: “[...] as pessoas familiarizar-se-ão com a causa, e sentirão que desempenham uma função quer a nível individual como coletivo, no objetivo global da preservação e salvaguarda do património.” (Gomes, 2018).

Já no trabalho de Santos *et al.* (2020) é apresentada uma proposta inspirada em iniciativas de RT visitável para um acervo arqueológico, a qual estará integrada ao Núcleo de Visitação da Universidade Federal de Pernambuco, um espaço de salvaguarda, expografia e pesquisa científica voltado para a comunidade acadêmica e moradores locais. Os autores contextualizam a situação do laboratório responsável por tais bens, apontando problemas comuns a vários museus ou áreas que preservam bens musealizados em universidades, por exemplo, a escassez de espaço (Ribeiro, 2013). Espera-se que a implantação do Núcleo possibilite melhor infraestrutura para atuação dos profissionais, a divulgação dos artefatos arqueológicos, dos processos de preservação e pesquisa arqueológica a um público mais amplo.

3.2.2 Propiciar o acesso com ênfase na pesquisa

O objetivo do acesso público com foco na pesquisa é identificado em dois trabalhos do exterior (Dransart, 2013; Gomes, Vieira, 2013) e um do Brasil (Carvalhaes, 2014), sendo que a última autora atua profissionalmente no museu pesquisado. Todos tratam de RT visitáveis.

No estudo de Carvalhaes (2014) sobre o Museu Dom João VI, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vemos que foi concebido para

funcionar como um “laboratório de estudo”, voltado para a comunidade universitária, principalmente alunos e professores dos cursos da Escola de Belas Artes. Desde 2008 quase todas as áreas de armazenamento são, ao mesmo tempo, as áreas de visitação e, por esse motivo, classificamos aqui como RT visitável. Essa solução veio para congrega a necessidade de otimização no uso do espaço com a ampliação do acesso ao acervo pelos pesquisadores. Embora não busque novos segmentos de públicos, pode ser visitado por qualquer pessoa interessada, mediante agendamento.

Dransart (2013) também investiga uma instituição museal universitária em que se nota maior interesse em atrair professores e estudantes interessados em desenvolver ações de pesquisa e ensino no contato direto com objetos do acervo, envolvendo, neste caso, manuseio de exemplares originais nos “bastidores”. Ao analisar o caso do Cambridge Museum of Archaeology and Anthropology, a autora argumenta a favor do uso pedagógico de objetos musealizados na formação universitária, não só por meio de visualização em exposições, mas também pela experiência multissensorial que visitas à RT podem proporcionar, como ocorre no museu estudado. No caso dos artefatos arqueológicos, o manuseio se soma ao conhecimento teórico no desenvolvimento de habilidades para análise de material coletado em trabalho de campo.

Ao apresentar a proposta da Schaulager, Gomes e Vieira (2013) classificam a estratégia utilizada por essa instituição suíça como RT visível. Porém, como o acesso visual somente é possível por meio de visitas agendadas com curadores, optamos por denominá-la como RT visitável no presente estudo. Embora não se apresente propriamente como um museu, a Schaulager cumpre com funções museais quanto à preservação, pesquisa, educação e comunicação por meio de seu acervo de arte contemporânea. Diante de características físicas variáveis das obras, o projeto desenvolveu vários compartimentos no edifício que funcionam simultaneamente como espaços de armazenamento e de exibição. Neles, os objetos estão organizados segundo critérios curatoriais que apontam maior atenção às atividades de pesquisa e ensino a partir da coleção.

3.2.3 Promover o acesso para atrair públicos com propósito educacional

O propósito educacional das iniciativas aparece em cinco textos do exterior (Efthim, 2006; Caesar, 2007; Gomes, Vieira, 2014; Dawes, 2016; Gallimore, Wilkinson, 2019) e três do Brasil (Souza, Weiers, 2010; Pereira, 2015, 2017), sendo que em dois casos os autores trabalham nas instituições estudadas (Efthim, 2006; Souza, Weiers, 2010).

Em sua pesquisa de mestrado, Pereira (2015; 2017) traz como estudo de caso a RT do Laboratório de Arqueologia Peter Hilbert, vinculada ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (Brasil). Ao levantar uma discussão sobre a gestão do patrimônio arqueológico na atualidade, atenta ao contexto específico do estado do Amapá e a relação da comunidade com o patrimônio cultural local, a autora defende que é possível alcançar um equilíbrio entre a conservação e a extroversão dos objetos, de modo a comunicar o acervo e o conhecimento produzido não só para especialistas, mas também para o grande público. A instituição, já preocupada com a ampliação do acesso, realiza visitas mediadas pontuais e adotou paredes panorâmicas de vidro na RT de modo que se tornasse visível. Com base em um arcabouço teórico da museologia e da arqueologia, a autora propõe a musealização da coleção arqueológica salvaguardada no espaço e aponta para o potencial de participação da comunidade nas tomadas de decisão, numa perspectiva de gestão compartilhada do patrimônio arqueológico.

A participação efetiva dos públicos nas questões relacionadas à arqueologia nacional também está entre os objetivos almejados pelo Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, o qual promove atividades lúdicas para o público infantil voltadas para a sensibilização, reconhecimento e valorização do patrimônio desde os primeiros contatos com uma instituição museal (Souza; Weiers, 2010).

No trabalho sobre a RT do Musée des Arts et Métiers, concebida para ser visitável, Gomes e Vieira (2014) apontam que a organização dos objetos pôde ser pensada de antemão para melhor favorecer as visitas roteirizadas conforme os temas das coleções. Nas palavras das autoras, a RT está “Imbuída de uma missão pedagógica, dada a confluência de saberes proporcionada pelas tipologias das coleções [...]” (Gomes; Vieira, 2014, p.

144)

O estudo de Caesar (2007) sobre as visitas com roteiros temáticos à RT do Science Museum permitiu identificar pontos positivos que estão relacionados aos objetivos educativos traçados pela equipe previamente, entre eles, proporcionar maior conhecimento das coleções e do trabalho de conservação pelos visitantes. Assim como Orcutt (2011), Caesar traz ainda questões emergentes que apontam para novas possibilidades de investigação neste tema, por exemplo, como se dá a interpretação das coleções no decorrer das visitas às RT e como o museu alcançaria os sentidos e valores atribuídos pelos visitantes aos objetos em RT para, inclusive, incorporar em suas práticas (Caesar, 2007).

No que se refere às experiências dos visitantes, Gallimore e Wilkinson (2019) identificaram o potencial educativo explorado pelas instituições britânicas estudadas. Tratando-se de uma situação menos formal que uma aula ou palestra, alguns sujeitos se sentiram à vontade para falar sobre as conexões que possuíam com objetos observados durante as visitas às RT. Desse modo, tais experiências podem se tornar significativas do ponto de vista da educação e da divulgação da ciência, na medida em que se entrecruzam com vivências e lembranças dos participantes.

Já Eftim (2006) trata da experiência do Naturalist Center, vinculado ao Smithsonian National Museum of Natural History, concebido como um centro de ciências com objetivos de aprendizagem voltado para o público escolar. Os visitantes têm a oportunidade de conhecer o “local de trabalho” dos especialistas, manipular objetos da coleção didática, além de livros e equipamentos científicos. Ao realizar um estudo de recepção, Dawes (2016) conclui que, embora não houvesse uma mensagem bem delineada criada pela instituição para esse espaço, as respostas dos visitantes indicaram “valor educacional” na experiência, não pela quantidade de objetos disponíveis e sim pelo panorama visual criado a partir do acervo para apresentar diferentes grupos culturais na perspectiva da antropologia. Indicaram também que a visita a esse espaço melhorou a percepção geral do museu. Segundo a autora, os resultados demonstram que é fundamental conhecer as expectativas dos visitantes antes de elaborar propostas como essa de modo que possam ser significativas para o grande público.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo foi fundamental para conhecermos produções acadêmicas nacionais e internacionais a respeito de RT visíveis, RT visitáveis e sistemas de armazenamento visível. Permitiu compreender que os diferentes objetivos institucionais envolvidos condicionam a maneira com que cada tipo de estratégia se realiza, já que podem solucionar questões do museu, beneficiar os diferentes públicos ou facilitar o acesso para sujeitos com interesses específicos. Foi interessante analisar exemplos em que as ações são planejadas com propósito educacional.

Nos estudos voltados para sistemas de armazenamento visível, entendemos que a existência de recursos como legendas, imagens e textos são fundamentais para propiciar experiências mais significativas, já que a interpretação dos objetos pelos visitantes não se dá de maneira homogênea. Uma profusão de objetos em vitrines, com poucas informações, pode ser confusa até para pesquisadores, quanto mais para outros segmentos de públicos. Pensar em diferentes estratégias para disponibilizar conteúdo, tendo em vista os diversos perfis de visitantes, pode ser um caminho.

Vimos que as visitas mediadas nas galerias com sistema de armazenamento visível ou nas RT propriamente ditas podem potencializar as experiências com os objetos, ao provocar diálogos sobre o processo curatorial das coleções que dificilmente são abordados em textos de exposições. É possível também pensar em conversas que aproximem as coleções da realidade dos visitantes. Logo, acreditamos que atividades em RT com propósitos educativos, elaboradas de forma conjunta por profissionais que atuam na preservação, pesquisa, educação e comunicação, podem trazer leituras não convencionais sobre os museus pelos diferentes públicos.

Vários autores apontam para a necessidade de estudos de públicos, incluindo de recepção. Afirmam também que os museus poderiam pensar em formas de incorporar as interpretações e valores atribuídos pelos visitantes aos objetos no processo curatorial de seus acervos. Frequentemente, concluem os trabalhos apontando novas questões que emergiram durante as pesquisas e reforçam a relevância desse tema para novos estudos, frente à reduzida quantidade de investigações a esse respeito.

Muitos textos relatam reações de encantamento, surpresa e satisfação dos visitantes ao conhecerem as RT, chamadas por eles de “bastidores”,

“lugar místico”, “casa dos tesouros”, parte oculta do “iceberg”, lugar acessado por quem tem certo “privilégio”, onde objetos se encontram nas “sombras” se comparado às salas de exposição. Esses termos alusivos à experiência de ver uma face geralmente pouco conhecida dos museus indicam outras possibilidades de dialogar sobre processos que fazem parte do dia a dia da instituição para além das áreas expositivas.

Por um lado, o acesso às RT pode reforçar a imagem equivocada da instituição museal como local sagrado, inalcançável, onde trabalham os detentores do conhecimento para transmitir aos visitantes as informações, que as recebem de forma passiva e não reflexiva. Na contramão, tais ações podem ser realizadas no sentido de desmistificar essa ideia de museu, sendo apresentado como local dinâmico de trabalho interdisciplinar.

Por fim, entendemos que esta pesquisa foi relevante no sentido de trazer outras camadas de compreensão sobre a relação entre públicos, profissionais de museus e objetos musealizados, em especial quando acontecem no contexto de RT. Esperamos que contribua para a reflexão sobre os sentidos de preservar e divulgar bens musealizados, assim como diferentes maneiras de propiciar aproximações e diálogos sobre o patrimônio cultural na contemporaneidade.

AGRADECIMENTO

Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Rachel M. Making collections visible: The Luce Foundation Center for American Art. *American Art*, Chicago, v. 15, n. 1, p. 2-32, 2001.

AMARAL, Joana Rebordão. *Gestão de acervos*: proposta de abordagem para a organização de reservas. 2011. Trabalho de projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção e grau de Mestre em Museologia — Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011.

AMES, Michael M. Visible Storage and Public Documentation. *Curator*, v. 20, n. 1, p. 65-80, 1977.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CAESAR, Lucinda G. Store Tours: accessing museum's stored collections. *Papers from the Institute of Archaeology*, n. 18 (S1), p. 3-19, 2007.

CARVALHAES, Renata Souza. *Museu Dom João VI: uma reserva técnica acessível*. 2014. Monografia (Especialização em Acessibilidade Cultural) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CASTILHO, Mauricio Marinho Alves de. *Espaços de guarda em museus: as reservas técnicas do Museu Histórico Nacional e Museu da República*. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

CASTRO, Fernanda Santana Rabello de. Desafios da educação museal: Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus sessenta anos depois. In: CHAGAS, Mario; MACRI, Marcus (org.). *A função educacional dos museus: 60 anos do Seminário Regional da Unesco*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2019. p.117-128.

CAZELLI, Sibeles; VALENTE, Maria Esther. Incursões sobre os termos e conceitos da educação museal. *Revista Docência e Cibercultura*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p.18-40, 2019.

CHAGAS, Mario de Souza; PRIMO, Judite; ASSUNÇÃO, Paula; STORINO, Claudia. A museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminho. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 55, n.11, p. 73-102, 2018.

COSTA, Andréa Fernandes; CASTRO, Fernanda Santana Rabello de; CHIOVATTO, Milene; SOARES, Ozias de Jesus. Educação Museal. In: IBRAM. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*, 2018. p. 89-91. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2022.

CURY, Marília Xavier. Museologia, comunicação e mediações culturais: curadoria, públicos e participações ativas e efetivas. In: ARAÚJO, Bruno Melo de; SEGANTINI, Verona Campos; MAGALDI, Monique; HEITOR, Gleyce Kelly Maciel (orgs.). *Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e os patrimônios*. Recife: UFPE, 2019. p. 8-22.

DAWES, Sena. *Looking through glass: understanding visitor perceptions of visible storage methods in museums*. Dissertação (Mestrado em Artes) — Universidade de Washington, 2016.

DELAVENAYS, Alicia. Herrero. De almacén a centro de conservación de colecciones. *Revista del Comité Español del ICOM*, Madrid, n. 3, p. 8-15, 2012.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean et. al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 127-153.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (ed.). *Conceitos-chave da museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, 2014.

DRANSART, Penelope. 'Back room' pedagogies in university museums in Britain. *The European Legacy: toward new paradigms*, v. 18, n. 1, p. 42-58, 2013.

EFTHIM, Richard. The Naturalist Center: Proof that museums can do more to maximize the learning potential of their collect. *Museum Management and Curatorship*, v. 21, n. 1, p. 58-66, 2006.

FERNÁNDEZ, Isabel García; JÍMENEZ, Sonia Díaz; GARCÍA, Gabriel Martínez. Making the Museum visible: reinventing a veterinary museum. *University Museums and Collections Journal*, n. 5, p. 147-154, 2012.

FRONER, Yacy-Ara. *Tópicos em conservação preventiva 8: reserva técnica*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes/UFMG, 2008.

GALLIMORE, Emily Jane; WILKINSON, Clare. Understanding the Effects of 'Behind-the-Scenes' Tours on Visitor Understanding of Collections and Research. *Curator*, v. 62, n. 2, p. 105-115, 2019.

GOMES, Maria Fernando. *Conservação preventiva – condições de reserva: novos paradigmas de visibilidade e acesso às coleções museológicas*. Tese (Doutorado em Conservação e Restauro de Bens Culturais – Especialização em Conservação de Pintura) - Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2018.

GOMES, Maria Fernando; VIEIRA, Eduarda. As reservas visíveis do Schaulager, em Basileia. *GE-Conservación*, n. 4, p. 65-77, 2013. Disponível em: <https://geiic.com/ojs/index.php/revista/article/view/145>. Acesso em: 10 ago. 2022.

GOMES, Maria Fernando; VIEIRA, Eduarda. As reservas visitáveis do Musée des Arts et Métiers em Paris. *Estudos de conservação e restauro*, n. 5, p.129-147, 2014.

GOMES, Maria Fernando; VIEIRA, Eduarda; CASANOVAS, Luís Elias; CALVO, Ana. As condições de conservação das reservas museológicas: estudo internacional e nacional. *Estudos de Conservação e Restauro*, n. 8, p.36-58, 2018.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. Education, communication and interpretation: towards a critical pedagogy in museums. In: HOOPER-GREENHILL. *The education role of the museum*. London: Routledge, 1999. p. 3-27.

HOOPER-GREENHILL Eilean. Communication and communities: changing paradigms in museum pedagogy. In: LINDQVIST, Svante (ed.) *Museums of modern science*. Nobel Symposium 112. Canton: Science History Publications & The Nobel Foundation, 2000. p.179-188.

MARANDINO, Martha. Museus de Ciências como espaços de educação. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (org.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Argumentum, 2005. p.165-176.

MARANDINO, Martha. Museus de ciências, coleções e educação: relações necessárias. *Museologia e Patrimônio*, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MIRABILE, Antonio. A reserva técnica também é museu. *Boletim eletrônico da ABRACOR*, n.1, p. 4-9, 2010.

OLIVEIRA, Mayara Manhães de. *Acesso restrito? : refletindo sobre reservas técnicas de museus*

e públicos não especializados. 2018. Monografia (Especialização lato sensu em Divulgação e Popularização da Ciência) — Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

OLIVEIRA, Mayara Manhães de. *A preservação não é só deixar guardado: uma análise dos sentidos da Reserva Técnica Visitável do MAE-USP*. 2021. 249f. Dissertação (Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde) — Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro: 2021.

ORCUTT, Kimberly. The open storage dilemma. *Journal of Museum Education*, n. 36, p. 209-216, 2011.

PEREIRA, Daiane. “Reserva técnica viva”: extroversão do patrimônio arqueológico no Laboratório de Arqueologia Peter Hilbert. 2015. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) — Universidade Federal do Sergipe, Laranjeiras, 2015.

PEREIRA, Daiane. Extroversão do patrimônio arqueológico salvaguardado: reserva técnica do Laboratório de Arqueologia Peter Hilbert. *Revista Arqueologia Pública*, v. 11, n. 2[19], p. 66-82, 30 nov. 2017.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. Museus em universidades públicas: entre o campo científico, o ensino, a pesquisa e a extensão. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, v. 2, n. 4, p. 88-102, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/museologia.v2i4.16366>. Acesso em: 15 set. 2022.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. *Encontros museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008. (Museu, Memória e Cidadania).

SANTOS, André Luiz Campelo dos.; MARANHÃO, Ana Paula Barradas; SULLASI, Henry Socrates Lavalley; RAMOS, Ana Catarina Peregrino Torres. NUVIS-UFPE: uma proposta inovadora de extroversão da reserva técnica associada ao laboratório LACOR-UFPE. *Revista de Arqueologia*, v. 33, n. 3, p. 330-351, 2020. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/846>. Acesso em: 15 set. 2022.

SOUZA, Flávia Cristina Antunes de; WEIERS, Merilluce Samara. Uma experiência de educação patrimonial no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville: provocando sensações e estimulando percepções. *Revista CPC*, São Paulo, n. 9, p. 25-41, 2010.

STANBURY, P. Storage, display and access - innovations at the Harry Daly Museum and the Richard Bailey Library of the Australian Society of Anaesthetists, Sidney. *Anaesth Intensive Care*, n. 38 (suplem.1), p. 20-24, 2010.

THIEMEYER, Thomas. The storeroom as promise: the discovery of the ethnological museum depot as an exhibition method in the 1970s. *Museum Anthropology*, v. 40, n. 2, p. 143-157, 2017.

THISTLE, Paul C. Visible storage for the small museum. *Curator*, v. 33, n. 1, p. 49-62, 1990.

TOSTES, Vera Lúcia Bottrel. O problema das reservas técnicas: como enfrentar o apego devorador? *Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 31, p. 74-80, 2005.

VALENTE, Maria Esther Alvarez. Educação e museus: a dimensão educativa do museu. *In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Cláudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia. Museu e museologia: interfaces e perspectivas*. Rio de Janeiro: MAST, 2009. p. 83-98.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello; SILVA, Maurício André da. A mediação comunitária colaborativa: novas perspectivas para educação em museus. *ETD - Educação Temática Digital*, v. 20, n. 3, p. 623-639, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8651713>. Acesso em: 8 set. 2022.

WASHBURN, Dorothy K. Curatorial or “native” categories: their use in visible storage. *Curator*, v. 33, n. 1, p. 63-71, 1990.

